

MAX WEBER: O PROCESSO DE RACIONALIZAÇÃO NA MODERNIDADE.**MAX WEBER: THE RATIONALIZATION PROCESS IN MODERNITY.**

Tairine Ferreira Pimentel¹
tairineferreira@gmail.com.

RESUMO

Este estudo tem como objetivo geral analisar a gênese da racionalização na cultura ocidental a partir de algumas questões conceituais e teóricas que nortearam a produção do Max Weber no livro a “Ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo”, a fim de analisar a conexão entre a ética protestante e o capitalismo do século XIX. Como objetivo específico, toma-se sua obra a “Ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo” a fim de analisar propriamente como o autor desenvolveu o conceito de racionalização a partir de uma ética religiosa. Utilizou-se do método e técnica da pesquisa documental para analisar a obra já citada. Utiliza-se da discussão do campo da sociologia clássica, especialmente de Max Weber para fundamentar a base teórica desta pesquisa, especialmente sobre os conceitos de vocação e racionalização, como forma de compreender o Ethos religioso.

Palavras-chave: Racionalização; Modernidade; Ética Protestante; Ascese intramundana.

ABSTRACT

To understand the path Max Weber took to analyze the rationalization of modernity it is necessary to conceive the connection between Protestant ethics and capitalism. In this sense, this text aims to reflect on the genesis of rationalization in Western culture. For this, the first topic seeks to situate the reader about the context prior to the rationalization and to reflect on the philosophical and theoretical influences on the author's production. In the second moment, we will analyze in his work the Protestant Ethics and the “Spirit” of Capitalism to properly understand how he developed the concept of rationalization from a religious ethic. And finally, we will reflect on the conception of the rational state that, for Weber, was only possible in the West.

Keywords: Rationalization; Modernity; Protestant Ethics; Intramundane asceticism.

¹ Mestranda em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPB.

INTRODUÇÃO

O projeto do movimento cultural iluminista no século XVIII, foi incentivar um espaço intelectual necessário para desenvolver uma ciência objetiva, além de uma moralidade e leis universais. Isto tinha como pretensão o acúmulo de conhecimento em busca da emancipação humana. A partir deste projeto, sucedeu o desenvolvimento de modelos racionais de organização social e modos objetivos de pensar o real que buscavam a libertação da irracionalidade -religião, mitos, magias, lado desconhecido da natureza e a arbitrariedade do poder que antes era concentrada na mão da Igreja Católica. Apesar disso, sabe-se que o movimento iluminista não conseguiu deslegitimar a religião como esfera que busca dar sentido para muitas pessoas, já que o discurso religioso não foi abandonado, mas perdeu bastante força (BURITY, 2007).

Acreditava-se que somente por meio desse projeto poderiam as qualidades universais, eternas e mudáveis de toda humanidade serem reveladas. A ideia de progresso estava atrelada a uma ruptura com a tradição, movimento secular que buscava desmistificar o conhecimento e a organização social. O Estudo do homem², a exaltação da criatividade humana através do fazer científico possibilitaria, portanto, a transformação do homem e da sociedade; É a partir deste processo que surge a transitoriedade como uma condição do projeto modernizador.

Segundo KANT (1784) a partir de promessas doutrinárias de igualdade, liberdade, o projeto depositou sua fé no homem e em sua racionalidade e compreensão de si e do mundo. Assim, progrediu-se moralmente e encontraria a justiça e a felicidade, algo que as guerras mundiais no início do século XX colocaram em xeque.

Isso porque as considerações acerca do iluminismo acreditavam que este foi um projeto que se voltou contra si. O que deveria ser a emancipação tornou-se a opressão, como colocaram Adorno e Horkheimer. A lógica iluminista é posta como a lógica da dominação e da opressão, pois a razão puramente instrumental acaba exercendo um poder opressor sobre a cultura e a personalidade. Alguns pensadores continuam a apoiar o projeto, mas com certo ceticismo e pessimismo enquanto, que outros insistem no abandono dos objetivos para emancipar o ser humano. A posição a ser tomada depende de como se entende e explica a história recente da modernidade (HARVEY, 2006; ADORNO, 1965; HORKHEIMER ET AL, 1985).

² Aqui irei me referir em falar da modernidade a partir do conceito de homem justamente porque a linguagem da modernidade é masculina e branca, contudo, estou atenta a crítica feminista à ciência.

Max Weber, sociólogo que nos seus estudos dedicou atenção para discutir a concepção e os problemas advindos com a modernidade, foi um crítico ferrenho dessa. Nos seus estudos históricos realizou pesquisas comparadas sobre as religiões mundiais, a partir dessas pesquisas desenvolveu uma via para compreender a modernidade. Para ele a modernidade seria consequências de um extenso percurso específico de racionalização. No entanto, ainda que essa razão ocidental tenha promovido benefícios positivos como o domínio da ciência, a liberdade do indivíduo, entre outras conquistas, percebe-se repercussões negativas como a perda de sentido da existência e desencantamento do mundo (SELL, 2017).

A fim de entender o percurso que o autor irá desenvolver para analisar a racionalização da modernidade, precisamos conceber a conexão entre a ética protestante e o capitalismo, nessa sequência, esse texto modestamente buscará refletir sobre a gênese da racionalização na cultura ocidental.

Para investigar o percurso que o sociólogo desenvolveu para analisar a racionalização da modernidade ocidental é necessário investigar a conexão entre a ética protestante e o capitalismo do século XIX. Nesse sentido, esse trabalho tem como objetivo geral identificar a gênese da racionalização na cultura ocidental no livro *A Ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo* de Max Weber. Para isso, no primeiro tópico busca-se situar a/o leitora/o sobre o contexto anterior à racionalização e refletir sobre as influências filosóficas e teóricas na produção do autor. Como objetivo específico, iremos examinar sua obra *Ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo* para compreender propriamente como ele desenvolveu o conceito de racionalização a partir de uma ética religiosa. E por último, analisa-se sobre a concepção do Estado racional que, para Weber, só foi possível no Ocidente.

CONTEXTO ANTERIOR À RACIONALIZAÇÃO E AS INFLUÊNCIAS SOBRE MAX WEBER

Antes de adentrar propriamente no debate sobre os aspectos da racionalidade no conjunto da obra do autor, é necessário contextualizar as transformações ocorridas anteriormente. Neste aspecto, um movimento importante foi o Romantismo. O mérito do Romantismo foi ter sido o maior movimento recente que transformou a vida e o pensamento do mundo ocidental. Pesquisadores que estudaram esse período consideram esse movimento

importante, pois possibilitou muitas mudanças na consciência do Ocidente, e todas as outras mudanças que aconteceram ao longo dos séculos XIX e XX, parecem, de todo modo, profundamente influenciado por ele (BERLIN, 2015).

O romantismo obteve as seguintes características: interesse pelos edifícios góticos, pela introspecção, as pessoas subitamente se tornam neuróticas e melancólicas, passam a admirar os voos inexplicáveis do gênio espontâneo, há um senso de singularidade e profunda introspecção emocional. O movimento romântico, segundo Berlin, foi um protesto apaixonado contra a universalidade de qualquer tipo, foi um movimento de oposição aos excessos da razão iluminista e da valorização da introspecção e dos sentimentos (BERLIN, 2015).

Antes do intenso processo de racionalização da sociedade moderna as lógicas sociais eram organizadas a partir da coletividade e os processos de socialização das pessoas eram guiados por valores aos quais elas atribuíam a maior importância a integridade, sinceridade, disponibilidade para sacrificar a vida para alguma chama interior, dedicação a algum ideal pelo qual valia a pena sacrificar tudo aquilo que a pessoa é, ou seja, pelo qual valia a pena viver e entregar a vida a uma causa coletiva. Não era preocupação central o avanço da ciência, nesse tipo de sociedade quem governava eram os reis, a preocupação ética dessas pessoas era viver em paz com seu governo, prestando lealdade a seu rei ou a sua república. Então, neste aspecto os processos de subjetivação e solidariedade social eram de outra ordem (HALL, 2006; DURKHEIM APUD FERNANDES; DURKHEIM, 1984).

Essas pessoas acreditavam na necessidade de lutar por suas crenças até o último alento de seu ser, e que acreditavam no valor do martírio como tal - martírio pelo quê, isso não importava. Acreditavam que as majorias eram mais santas do que as minorias, que o fracasso era mais nobre do que o sucesso, o qual tinha algo de inferior e vulgar. A própria noção de idealismo, não no sentido filosófico, mas no sentido comum em que utiliza-se, isto é, o estado mental de um homem que está disposto a sacrificar muitas coisas pelos princípios ou por alguma convicção, que não está disposto a se vender, que está inclinado a ir para a fogueira por algo em que acreditava, porque confiava naquilo - essa atitude era relativamente nova. O que as pessoas admiravam era a sinceridade, o empenho de todo o coração, a pureza da alma, a capacidade e a disponibilidade para se dedicar a seu ideal, qualquer que fosse (BERLIN, 2015).

Maximilian Karl Emil Weber, mais conhecido pelo último nome, nasceu no século XIX na Alemanha. Filho de um importante advogado, conseguiu a oportunidade de realizar seus estudos em Heidelberg e Berlim. A formação em Direito que realizou não impediu o autor

de dedicar-se a outras áreas do conhecimento como filosofia, teologia, história e economia. Ao analisar sua obra, percebe-se a nítida influência que essas áreas refletiram nas suas pesquisas (COHN, 1979).

A produção do conhecimento de Max Weber expressa diferentes áreas da convivência social. Sua obra abrange múltiplas temáticas, a saber: a religião, a política, a economia, a ciência, a música e o trabalho. Porém, sua expertise vai além da produção teórica e metodológica. Como pode-se analisar na sua produção, encontra-se em Weber importantes pesquisas empíricas. Procurando entender a modernidade a partir de uma ampla pesquisa das religiões mundiais, Max Weber entendia que uma das características primordiais da modernidade era um aparecimento de uma particularidade fundamental de racionalismo, ou seja, o racionalismo da dominação instrumental. Max Weber (1999) ressaltou nos seus escritos que o racionalismo ocidental só obteve sucesso por meio da sua introjeção em algumas esferas da vida social, como o direito, a ciência, a burocracia do Estado, o mercado e que as consequências dessa racionalização possibilitaram um desencantamento do mundo³, ou seja, embora, de um lado, aumente a capacidade técnica e avanço científico, do outro, conduz a perda da liberdade e do sentido da vida.

Segundo Sell (2017), entre as perspectivas que mais influenciaram o pensamento de Max Weber pode-se mencionar três, são elas: pensamento econômico, social e filosófico. Enquanto professor universitário responsável pela disciplina de economia, Weber conhecia e precisou dialogar com as correntes econômicas dominantes da sua época que tinha como representantes: Wilhelm Roscher, Karl Knies e Gustav Schmoller.

Weber foi um dos precursores da associação alemã de sociologia. Suas teses sobre a economia e a sociedade moderna estão relacionadas com os importantes pioneiros do pensamento sociológico alemão: Ferdinand Tönnies, Werner Sombart e Ernest Traeltsch (WEBER, 1994; 1999). De maneira oposta a Émile Durkheim, que construiu sua teoria sociológica considerando maior importância a objetividade do conhecimento, já Max Weber vai construir sua produção sociológica elegendo como unidade de análise a subjetividade do

³ Um autor importante nesse debate sobre modernidade foi Walter Benjamin, que durante sua produção intelectual dedicou-se em compreender as transformações ocorridas no século XX. Em um de seus ensaios mais conhecidos, *A obra de arte na era da sua reprodutividade técnica*, ele explora como as transformações advindas pela modernidade com o cinema e fotografia, ou seja, aperfeiçoamento da técnica, foram capazes de modificar o status da obra de arte, retirando-lhe a “aura”, qualidade que a torna única, isto é, o racionalismo da modernidade ocidental entra em contradição com a era do período clássico.

conhecimento. A concepção de que a unidade de análise na sociologia weberiana passa a ser o indivíduo trouxe alterações epistemológicas e metodológicas nas ciências sociais. Nesse aspecto, o autor possibilitou à sociologia uma nova abordagem de interpretação e compreensão da realidade social, isto é, a corrente teórica da sociologia compreensiva. Vejamos:

Se agora tornei-me oficialmente sociólogo, é essencialmente para pôr fim nesse negócio de trabalhar com conceitos coletivos. Em outras palavras, também a Sociologia só pode ser realizada a partir da ação de indivíduos mais ou menos numerosos, portanto de modo estritamente 'individualista' quanto ao método. (WEBER apud COHN, 1979, p. 102.).

O autor, por sua qualificada erudição durante sua produção intelectual envolveu-se com os debates filosóficos que estavam empenhados em refletir sobre a condição científica das ciências humanas. Somando-se neste debate, ele elaborou uma valiosa reflexão epistemológica em direção aos problemas de pesquisa e da necessidade de respaldar a sociologia enquanto área científica. Aqui, aponta-se a importância de dois filósofos na construção do pensamento de Max Weber, são eles: Immanuel Kant e Friedrich Nietzsche.

Kant, no seu texto, "O que é o iluminismo?", vai afirmar que o "Iluminismo" é a saída do homem da sua menoridade de que ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de se servir do entendimento sem a orientação de outrem." (KANTt,1784, P.1). Neste sentido, Kant defendia que o homem deveria ter a coragem de se servir do seu próprio entendimento. Para o autor o esclarecimento é a saída do homem da menoridade, ou seja, quando a humanidade começa a entrar na maioridade.

Menor de idade para Kant é alguém que não consegue ir aonde quer, estar sob a tutela dos pais (tutela do Estado e Religião), e nem pensa sozinho. Precisa de alguém para dizer o que é certo ou errado. O menor de idade vive em uma situação de heteronomia, ou seja, sujeição a uma lei exterior ou à vontade de outrem; ausência de autonomia. Na maioridade a humanidade começa a fazer uso público da razão.

Está subjacente ao pensamento desse autor que a ideia de progresso e que o esclarecimento ou uso público da razão iriam melhorar a humanidade, que era, na verdade, uma esperança típica do movimento iluminista. Coisas que os filósofos alemães da escola de

Frankfurt mais na frente irão criticar esse progresso previsto pelo projeto da modernidade o qual defendia os iluministas.

As influências de Nietzsche em Weber se deram por via do niilismo que encontra-se no conjunto da produção filosófica do autor que foi um dos críticos do racionalismo ocidental, Outra influência importante em que Max Weber precisou trabalhar para construir sua produção intelectual pode-se destacar o historicismo alemão, pensamento filosófico elaborado entre o fim do século XIX e início do século XX. Uma das características desse movimento era distinguir entre as ciências da natureza e da cultura.

O “ESPÍRITO” DO CAPITALISMO E A RACIONALIZAÇÃO EM MAX WEBER

A ética protestante e o “espírito” do capitalismo foi escrito em forma de ensaio pelo sociólogo alemão Max Weber em 1904 e revisado pelo autor em 1920. Esse livro é considerado um clássico das ciências sociais e obteve uma grande permeabilidade dentro das ciências humanas. Podemos destacar duas preocupações que o texto pretende esclarecer, a saber: preliminarmente, pretende pesquisar sobre os princípios do capitalismo moderno e o capitalismo racional, que ele identifica como símbolo da civilização ocidental. Max Weber está empenhado em saber qual a ligação entre determinada religião e o recente regime econômico capitalista na sua fase industrial.

Nesse aspecto, a questão central da sociologia de Max Weber é compreender como se deu o aperfeiçoamento da racionalização da vida no Ocidente e quais suas semelhanças em relação a outras configurações culturais e sociais. Por exemplo, quando o autor analisa os sistemas das religiões do oriente, considera que essas religiões não foram suficientes racionais para quebrar com o tradicionalismo⁴ e produzir uma ética que possibilitasse alavancar as forças capitalistas, como podemos perceber no protestantismo ascético de caráter calvinista.

Doutrinas luterana e católica não conseguiram incorporar essa ética ascética justamente por acreditarem que a “glória de Deus” poderia ser alcançada pela vida humilde e pela vivência dos sacramentos, pela condenação moral pela busca da riqueza e também por um

⁴ No tradicionalismo a ética do lucro era bem menos explorada e a instituição católica via o lucro como pecado.

aspecto conformista de aceitar tudo como “vontade de Deus”. Já para o calvinismo, essa doutrina propagava que o mundo é terreno sagrado que existe para o fiel conquistar sua salvação e a ausência de vontade de trabalhar e acumular riqueza é indício da falta de graça, ou seja, é mediante o trabalho físico que o crente garante ou não a certeza da sua salvação (Weber, 2004).

Ao se questionar sobre a origem desse capitalismo moderno, Max Weber analisa o racionalismo como correspondente da técnica e do direito racional, mas que é determinado pela organização dos homens de assumirem apropriados tipos de condutas racional-práticas. Por esse ângulo, o autor acredita na interferência de ideias religiosas no desenvolvimento do ethos de um sistema econômico. Assim, Max Weber observou que os protestantes apresentavam maior interesse em potencializar comportamentos racionais do que os cristãos católicos, devido à peculiaridade de negação das coisas do mundo. Vejamos a seguir:

Noutras palavras, os camaradas artesãos católicos mostram uma tendência mais acentuada a permanecer no artesanato, tornando-se portanto mestres artesãos com frequência relativamente maior, ao passo que os protestantes afluem em medida relativamente maior para as fábricas para aí ocupar os escalões superiores do operariado qualificado e dos postos administrativos. Nesses casos, a relação de causalidade repousa sem dúvida no fato de que a peculiaridade espiritual inculcada pela educação, e aqui vale dizer, a direção conferida à educação pela atmosfera religiosa da religião de origem e paterna, determinou a escolha da profissão e o subsequente destino profissional (WEBER, 2004).

Uma discussão importante e que é explorada pelo autor nesse texto e em outras obras é o conceito de vocação. A concepção de vocação está diretamente conectada com uma valorização positiva das ocupações mundanas. Um dos princípios fundamentais para a racionalização na esfera da conduta humana foi à inclusão pelos protestantes da concepção de vocação enquanto mecanismo para “glorificar a Deus”.

De fato: essa ideia singular, hoje tão comum e corrente e na verdade tão pouco autoevidente, de profissão como dever, de uma obrigação que o indivíduo deve sentir, e sente, com respeito ao conteúdo de sua atividade “profissional”, seja ela qual for, pouco importa se isso aparece à percepção espontânea como pura valorização de uma força de trabalho ou então de propriedades e bens (WEBER, 2004, P. 47).

A fim de buscar compreender como essas forças mágicas e religiosas e suas éticas do dever tem influenciado o comportamento humano, o autor nos convida em seu texto a analisar a origem da racionalidade na sociedade moderna. Weber demonstra que a reforma na igreja não liquidou seu controle sobre os comportamentos dos fiéis, mas levou a uma nova condição de controle muito mais rígida, que obteve permeabilidade na vida individual e coletiva. Nesse cenário, o calvinismo se transformaria em uma força importante, pois este parecia ter a capacidade de desenvolver “o espírito” do capitalismo.

Esse espírito do capitalismo moderno se define pela busca do lucro de forma racional e organizada. Ele é historicamente singular, um complexo de elementos agregados da realidade histórica e unificados em um todo conceitual.⁵ A ética de ganhar e acumular dinheiro, marcada pela renúncia do gozo da vida mundana, possibilita que esses lucros sejam reinvestidos novamente para gerar mais lucro. Como podemos perceber em uma passagem do texto:

Lembra-te que tempo é dinheiro; aquele que com seu trabalho pode ganhar dez xelins ao dia e vagabundeia metade do dia, ou fica deitado em seu quarto, não deve, mesmo que gaste apenas seis pence para se divertir, contabilizar só essa despesa; na verdade gastou, ou melhor, jogou fora, cinco xelins a mais. Lembra-te que o dinheiro é procriador por natureza e fértil. O dinheiro pode gerar dinheiro, e seus rebentos podem gerar ainda mais, e assim por diante. Cinco xelins investidos são seis, reinvestidos são sete xelins e três pence, e assim por diante, até se tornarem cem libras esterlinas. Quanto mais dinheiro houver, mais produzirá ao ser investido, de sorte que os lucros crescem cada vez mais rápido. Quem mata uma porca prenhe destrói sua prole até a milésima geração. Quem estraga uma moeda de cinco xelins, assassina (!) tudo o que com ela poderia ser produzido: pilhas inteiras de libras esterlinas (WEBER, 2004, pp. 42-43).

Assim como é conhecida a argumentação que a fundamentação do capitalismo moderno está apoiada na ética protestante ascética, porém, é importante afirmar que Max Weber não enxergava o protestantismo como “única” via de prosperidade do sistema capitalista atual. Ele considerava que a origem do capitalismo tinha variadas causas e complexidade, como a política, a econômica, técnicas e jurídicas. Nesse sentido, não poderíamos crer que a religião

⁵ É necessário entender que essa análise de uma ética religiosa e desenvolvimento do capitalismo é completamente datada para Weber. Porém, refletindo contemporaneamente essa obra do autor a partir do campo religioso de base neopentecostal, especificamente a vertente da Igreja Universal do Reino de Deus IURD, podemos perceber a atualidade da obra em um momento de completa autonomia do capital.

seria precisamente o motivo causador de origem do comportamento econômico capitalista, num aspecto linear e definido (WEBER, 2004; GIDDENS, 2005).

Pode-se analisar as transformações ocorridas em várias esferas. No âmbito do Estado, presencia-se uma racionalidade burocrática fundamentada nas normas, leis racionalmente ordenadas, monopólio legítimo da violência militar concentrada no Estado. Na Ciência, o que vai predominar é a ação cognitiva instrumental, ou seja, nessa perspectiva importa a ela estabelecer instrumentos causais e compreender como funciona o mundo num dado momento, isto é, o enfraquecimento do conhecimento filosófico e humanístico em detrimento do conhecimento técnico que vai contribuir para gerar lucro para o sistema capitalista⁶ (WEBER, 1982; 1994).

Na cultura, houve uma autonomização das esferas de valor como produto do desencantamento do mundo, como podemos identificar na ciência, na arte e direito. Para Max Weber, essas esferas estão totalmente interligadas com o campo econômico e vice-versa. Na arte, há uma estética-expressiva, como podemos perceber no romantismo⁷ que surgiu como reação ao racionalismo e materialização da vida moderna ocidental. Ocorre a autonomização da esfera da arte, os indivíduos passam a expressar com maior autonomia sua subjetividade. Embora continuem a precisar de outros para custear seus trabalhos, esses financiadores tornam-se “anônimos”, não pressionam o artista como era na época clássica.

Outro aspecto que se precisa considerar é que Max Weber não considera o capitalismo e o protestantismo de maneira genérica, mas busca observar suas particularidades. Nesse ponto de vista, acreditamos que o comportamento racional fundamentado na ideia de vocação vigente na cultura moderna e nascida desse espírito do ascetismo religioso possibilitou o acúmulo de capital necessário para engendrar o sistema capitalista atual. Contudo, é necessário salientar que hoje o próprio capitalismo não precisa necessariamente de nenhuma base religiosa, porém, contemporaneamente podemos analisar dentro do campo religioso os grupos neopentecostais utilizando o discurso de uma ética do consumo (WEBER, 2004).

⁶ Com o advento da modernidade podemos ver que outras profissões foram ganhando espaço, a exemplo das ciências contábeis e administração.

⁷ O movimento artístico surrealista surgiu em um contexto histórico marcado pela descoberta e a consolidação da teoria freudiana do inconsciente, nesse sentido, este movimento incorporou essa perspectiva psicanalítica. A própria psicanálise foi uma corrente psicológica/filosófica a fim de se contrapor a explicação existencialista Sartreana que existia na época.

O ESTADO MODERNO PARA MAX WEBER

No fim do século XIX e início do século XX, dois grandes autores vão criticar o projeto da modernidade defendido pelos iluministas a sua maneira particular: Max Weber fala sobre a expectativa ilusória do iluminismo enquanto legado, já que teve como consequência o triunfo da racionalidade instrumental, que não trouxe emancipação ou liberdade, mas cria uma “jaula de ferro” da racionalidade burocrática da qual não há escapatória. Tenta mostrar, através dessa argumentação, que nem todos projetos de racionalização objetiva chegam a resultados éticos⁸. Outro crítico ferrenho no pensamento moderno é Nietzsche. Explica que as imagens iluministas sobre a civilização, de razão e moralidade, não valem, pois, a essência eterna e imutável da humanidade reside na manifestação dionisíaca – manifestação do eu, que não é unitária, e é manifestada pela vontade de potência dos seres humanos (HARVEY, 2006).

No campo da literatura, dois escritores importantes que demonstraram bem a vida moderna foram Charles Baudelaire através da sua poesia que mostrava o caráter transitório e fugidio da vida moderna e Franz Kafka que pelo meio de seus romances desvenda toda irracionalidade do projeto moderno (BENJAMIN, 1994, 1995).

A imagem Nietzscheana da destruição criativa estabelece uma ponte entre os dois lados da formulação de Charles Baudelaire de uma nova maneira. Assim, no início do século XX, a razão iluminista já estava abalada com as intervenções de pensadores que a questionavam – Nietzsche chegou inclusive a posicionar o fazer estético acima da ciência, da racionalidade e da política. Desse modo, o meio estético tornou-se poderoso no estabelecimento daquilo que é eterno e imutável em meio ao caos patente da vida moderna (HARVEY, 2006).

Essa modernidade para Max Weber irá possibilitar um tipo específico de pensamento que será responsável por intermediar a nova ordem social, ou seja, a racionalidade instrumental e que se pode encontrar esse conceito do autor nas suas diversas obras. Aqui, irei discorrer sobre a concepção de Estado Racional para o autor.

Uma questão importante que é preciso salientar na concepção de Estado em Weber é que o mesmo analisou que essa concepção de Estado racional com um corpo técnico especializado, uma burocracia racional referente a fins só foi possível a partir do Ocidente e

⁸ Aqui, historicamente podemos analisar vários acontecimentos totalitários que pessoas consideradas “inferiores” vivenciaram no século XX, como o fascismo e nazismo.

isso possibilitou o florescimento do capitalismo moderno. Ao analisar o antigo regime da sociedade chinesa ele observa que o modelo de organização administrativo dessas sociedades era composto por literatos de formação humanística, porém, não estavam capacitados para exercer essas funções, ou seja, não tinham capacidade técnica para trabalhar com as leis, sendo muito bons na escrita de poesia e grandes conhecedores da literatura chinesa milenar (GIDDENS, 2005).

Contudo, a sociedade chinesa, durante os séculos VII e XI, experimentou uma administração com um corpo especializado, mas não se sustentou por muito tempo. Vejamos o trecho a seguir:

No oriente, foram essencialmente razões rituais, ao lado da constituição em castas e clãs, que impediram o desenvolvimento de uma política econômica planejada. Na China, havia mudanças extraordinárias de sistemas políticos. O país viveu uma época de comércio exterior muito intenso, indo até a Índia, Mas depois limitou-se a política econômica ao fechamento, em relação ao exterior, de modo que todas as importações e as exportações estavam nas mãos de apenas treze empresas e passavam por um único porto, o de Cantão. No interior, a política orientava-se, exclusivamente, por idéias religiosas; somente quando se davam acontecimentos naturais terríveis procurava-se detectar deficiências administrativas (WEBER, 1999, p. 520).

Um dos aspectos importantes nessa concepção de Estado foi o mérito do direito romano em detrimento dos demais. Juristas formados nessa concepção do direito tinham maior capacidades para atender as demandas que o recente capitalismo impunha, isto é, aptidão para ocuparem os quadros técnicos. Nessa análise sobre o Estado podemos observar que o autor mobiliza alguns de seus conceitos, como por exemplo, os tipos de dominação. Vejamos:

O Estado, do mesmo modo que as associações políticas historicamente precedentes, é uma relação de dominação de homens sobre homens, apoiada no meio da coação legítima (que dizer, considerada legítima). Para que ele subsista, as pessoas dominadas têm que se submeter à autoridade invocada pelas que dominam no momento dado. Quando e por que fazem isto, somente podemos compreender conhecendo os fundamentos justificativos internos e os meios externos nos quais se apóia a dominação (WEBER, 1999, P. 526).

Esses conceitos de dominação para Max Weber encontramos no capítulo III do primeiro volume do livro: *Economia e Sociedade*. A concepção de dominação em Weber estabelece uma hierarquia de quem manda e quem obedece, ou melhor, capacidade de impor sua vontade ao menor, no caso do Estado analisa-se que este determina sua força através do aparato dos poderes repressivos que o compõem. Ele estabelece três tipos de dominação, a saber: racional, tradicional e carismática.

Porém, é preciso destacar que esses conceitos operam, na prática, de maneiras interligadas. Como foi dito, a dominação racional consiste na crença dos indivíduos nas leis estabelecidas e exercício do poder daqueles que dispõe; a dominação tradicional está relacionada com aspectos culturais que, historicamente se mantiveram por intermédio do familismo; já a dominação carismática é bastante comum na política e no âmbito religioso, por exemplo, adoração a personagem da liderança religiosa, política, etc.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi desenvolvido nas seções acima, pode-se compreender a referência filosófica ou epistemológica de Max Weber para se pensar a noção de racionalização na modernidade. Para entender o pensamento e as argumentações do autor, em sua interpretação da sociedade moderna, é preponderante olhar para suas raízes filosóficas, ou seja, a fonte da qual toda a estrutura de seu pensamento parte e se relaciona com outras concepções.

Observou-se que os conceitos sobre vocação e racionalização, que foram desenvolvidos nesse texto foram importantes para compreendermos como o Ethos religioso possibilitou todo um desenvolvimento de um tipo de capitalismo específico que apenas o Ocidente conheceu e que por meio do desenvolvimento da ciência e conseqüentemente da tecnologia tem sido utilizado para gerar mais riqueza.

A capacidade do avanço dessa racionalidade ocidental foi importante no desenvolvimento da saúde e, especificamente da medicina, contudo, no período dos conflitos políticos das nações europeias no século XX, o Estado alemão utilizou esse conhecimento para manter uma supremacia frente aos demais povos, exterminando os povos judeus, homossexuais e ciganos. Max Weber, diferente dos outros clássicos da sociologia, Karl Marx e Émile

Durkheim, como sociólogo de uma fase histórica bastante racionalizada, analisou essas transformações da sociedade moderna com um sentimento bastante pessimista.

O Estado moderno, isto é, racional burocrático, diferente das outras organizações estudadas pelo autor no oriente médio, era para Weber um “mal necessário” diante da nova ordem social recentemente constituída. É que por instrumento do Direito irá operar por meio de uma administração especializada, com profissionais como contadores, administradores e juízes, constituindo assim, uma alta burocracia.



REFERÊNCIAS

- ADORNO, T.W. et al. 1965. **La personalidad autoritaria**. Buenos Aires: Proyección.
- ADORNO, TW & HORKHEIMER, Max. 1985. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- “Trajetórias da religião e da modernidade: a narrativa histórica de uma objeção”. Estudos de Sociologia, 13 (12): 19-48, 2007^a
- BERLIN, Isaiah. 2015. **As raízes do romantismo**/edição de Henry Hardy: tradução Isa MaraLando. – 1 ed. -São Paulo: Três Estrelas.
- BENJAMIN, Walter. 1994. **Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**. 3^a ed. São Paulo: Brasiliense, p.185-236.
- _____. 1995. **A Modernidade e os Modernos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- CONH, Gabriel. 1979. **Crítica e resignação**: fundamentos da sociologia de Max Weber. Editora T..A. Queiroz.
- DURKHEIM, Émile. 1977. **Da divisão do trabalho social**. São Paulo: Martins Fontes.
- FERNANDES, Florestan (org). 1984. **Durkheim**: sociologia. São Paulo: Ática (Grandes Cientistas Sociais).
- DURKHEIM, Émile. 1977. **Da divisão do trabalho social**. São Paulo: Martins Fontes.
- GIDDENS, A. 2005. “**Max Weber, o protestantismo e o capitalismo**”. In: **Capitalismo e moderna teoria social**. Queluz de Baixo: Presença.
- _____. 2005. “**A racionalização, as religiões mundiais e o capitalismo ocidental**”. In: **Capitalismo e moderna teoria social**. Queluz de Baixo: Presença.
- HALL, Stuart. 2006. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Porto Alegre: DP&A.
- HARVEY, David. 2006. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo, Edições Loyola.
- KANT, Immanuel. 1784. “**O que é o Iluminismo?**”, editora: Lusosofia.
- SELL, C. E. 2017. **Sociologia clássica: Marx, Durkheim e Weber**. Editora Vozes Limitada, Petrópolis.
- WEBER, Max. 1982. “**A ciência como vocação**”. In: **Ensaio de sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar.

- _____. 1994. **“Os tipos de Dominação”**. In: Economia e sociedade. Vol.1. Brasília: UnB.
- _____. 1999. **Economia e sociedade**. Vol.2. Brasília: UnB.
- _____. 2004. **A Ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo**. São Paulo, Companhia das Letras.

